

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS EM CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

LISETE S. M. MÓNICO¹, ANA PATRÍCIA DUARTE².

1. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra
 2. Instituto Superior Miguel Torga, Escola Superior de Altos Estudos
- Endereço para Correspondência: Rua do Colégio Novo, 3000 Coimbra, Portugal
E-mails: lisete.monico@fpce.uc.pt, ANA_PAT8@HOTMAIL.COM

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

RESUMO

Para que as birras não se tornem um grave problema de comportamento das crianças, os pais devem adotar práticas educativas adequadas para promover comportamentos desejáveis. O presente estudo analisou os diferentes tipos de práticas educativas parentais em contexto de birras dos filhos. Participaram 106 pais de crianças com idade compreendida entre os 2 e os 6 anos que responderam ao Inventário de Práticas Educativas. Concluímos que, de um modo geral, as práticas educativas mais utilizadas pelos pais são práticas educativas adequadas. Porém, os pais recorrem à punição física e às práticas educativas inadequadas quando confrontados com as birras dos seus filhos. Além disso, há uma maior utilização da punição física quando os filhos são mais novos. Verificou-se, também, que o género e o estado civil dos pais não influenciam as práticas educativas utilizadas nos filhos. Porém, quanto maiores as habilitações literárias das mães, maior o recurso a maus tratos emocionais. Relativamente ao pai, quanto maiores as habilitações literárias, maior a utilização de práticas educativas adequadas.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Comportamentos, práticas educativas parentais.

PRACTICAL PARENTING EDUCATION IN CHILDREN IN PRESCHOOL AGE

ABSTRACT

In order to temper tantrums not to become a serious behavior problem of children, parents should adopt appropriate educational practices to promote desirable behavior. The present study examined whether different types of parenting practices in the context of temper tantrums of children. Participated 106 parents of children aged 2 to 6 years who responded to the Inventory of Educational Practices. We concluded that, in general, the educational practices used by parents are more appropriate educational practices. However, parents resort to physical punishment and inadequate educational practices when faced with temper tantrums of their children. In addition, there is an increased use of physical punishment when children are younger. It was found also that gender and marital status of the parents does not influence educational practices used in children. However, the greater the educational level of mothers, greater recourse to emotional ill-treatment. Regarding the father, the higher the educational level, the greater the use of appropriate educational practices.

KEYWORDS: Parenting practices; Children; Behavior

INTRODUÇÃO

As práticas educativas parentais são estratégias que têm como objetivo eliminar comportamentos indesejáveis e promover comportamentos desejáveis nos filhos (WEBER et al., 2004), ao mesmo tempo que procuram a socialização (MACHADO et al., 2008).

Consideram-se práticas educativas positivas as que englobam afeto, imposição de limites (BOLSONI-SILVA et al., 2008) e promoção de comportamentos adequados na criança (SALVO et al., 2005). Consistem na monitorização positiva e no comportamento moral, desenvolvendo a empatia e as habilidades pró-sociais e prevenindo o surgimento de comportamentos indesejáveis.

As práticas educativas parentais podem também influenciar o aparecimento e a manutenção de problemas de comportamento na criança (BOLSONI-SILVA et al., 2008; MARIN et al., 2012; VILLAS BOAS & BOLSONI-SILVA, 2010). Assim, o recurso a apenas práticas educativas inadequadas por parte dos pais pode levar a que a criança, futuramente, recorra a estas práticas para resolver os seus problemas (SIQUEIRA et al., 2012). Por sua vez, as práticas educativas adequadas estão relacionadas com melhores resultados escolares (SAPIENZA et al., 2009).

As práticas educativas negativas englobam a negligência, os maus-tratos físicos (BOLSONI-SILVA et al., 2008), a punição incoerente, a disciplina negligente e a monitorização negativa. HOFFMAN (1994) refere que existem outros dois tipos de práticas educativas parentais: as indutivas e as coercivas. As práticas indutivas indicam à criança quais as consequências dos seus comportamentos e dão-lhe uma melhor compreensão sobre as consequências das suas ações. Explicam à criança porque é necessário mudar o seu comportamento (CECCONELLO et al., 2003; PICCININI et al., 2007) e enfatizam a empatia (BEM & WAGNER, 2006). Além disso, através destas práticas a criança internaliza os padrões morais, pois compreende a necessidade de mudar o seu comportamento. As práticas educativas indutivas são aquelas que englobam o afeto, o reforço, as regras e a comunicação. Por seu turno, as práticas educativas coercivas são caracterizadas pelo uso da força e do poder dos pais, nomeadamente a punição física e privação de privilégios e amor (CECCONELLO et al., 2003; PICCININI et al., 2007). Além disso, os pais utilizam as práticas educativas coercivas para que a criança elimine os seus comportamentos inadequados (CECCONELLO et al., 2003). Estas práticas controlam o comportamento da criança através da punição, originam emoções como o medo e a raiva e têm uma baixa probabilidade de a criança compreender as consequências do seu comportamento e a necessidade de mudar esse comportamento (BEM & WAGNER, 2006; PICCININI et al., 2007), embora os rapazes tendam a aceitar melhor a punição do que as raparigas (BUDD et al., 2012). Com estas práticas, a criança não tem motivação intrínseca para se comportar de determinada maneira (BEM & WAGNER, 2006). No entanto, a utilização casual de práticas educativas coercivas por parte de pais que utilizem práticas educativas indutivas não irá prejudicar o desenvolvimento da criança (CECCONELLO et al., 2003).

Em um estudo realizado por PATTERSON et al., (2000) verificaram que a responsabilidade dos pais no comportamento dos bebés é um indício de qual o tipo de práticas educativas será utilizado no futuro. Os pais que têm uma menor disponibilidade emocional para o bebé e respondem de forma inadequada a este tendem a ter maiores dificuldades de regulação do comportamento dos filhos, utilizando com frequência práticas educativas coercivas e inconsistentes. Isto conduz a que os com-

comportamentos indesejáveis dos filhos sejam reforçados e, conseqüentemente, a problemas de comportamento. Pelo contrário, pais com maior disponibilidade emocional regulam melhor o comportamento dos filhos e utilizam práticas educativas indutivas e contingentes. Isto desenvolve competências sociais na criança e reduz os comportamentos indesejáveis.

Propósito

O presente estudo pretende analisar as práticas educativas de pais de crianças portuguesas em idade pré-escolar. As práticas educativas parentais serão analisadas segundo a perspectiva da mãe, do pai e de ambos em relação a uma mesma criança. Pretende-se, igualmente, analisar a influência de variáveis como o gênero, estado civil e habilitações literárias dos pais nas práticas educativas que utilizam.

MATERIAL E MÉTODOS

Amostra

A amostra é constituída por 106 pais de crianças de idades compreendida entre os 2 e os 6 anos. A amostra é do tipo não probabilística de conveniência, sendo adotados como critérios de exclusão a recusa em participar no estudo e a existência de problemas psicológicos que impediam os participantes de responder de forma fidedigna ao questionário.

As idades dos pais situam-se entre os 21 e os 51 anos de idade ($M=34.79$ anos, $DP=5.69$ anos; mediana e moda = 35 anos). As habilitações literárias correspondem maioritariamente ao 3º ciclo do Ensino Básico ($n=33$, correspondente a 31.1% da amostra), seguido o 2º ciclo do Ensino Básico ($n=24$; 22.6%), o Ensino Secundário ($n=23$; 21.7%), a Licenciatura ($n=17$; 16.0%), o 1º ciclo do Ensino Básico ($n=6$; 5.7%) e, por último, o Bacharelato ($n=2$; 1.9%). 81.1% da amostra é casada e/ou vive em união de fato ($n=86$), 10.4% é solteira ($n=11$) e 8.5% é divorciada e/ou separada ($n=9$). Quanto ao número de filhos, cerca de metade da amostra indica dois ($n=50$; 43.4%) ou apenas um ($n=46$; 47.2%). Dos restantes inquiridos, 5.7% têm três filhos ($n=6$) e 3.8% têm quatro ou mais filhos ($n=4$). A média de idades para o primeiro filho é de $M = 6.31$ anos ($DP = 4.23$), para o segundo é de $M = 5.78$ anos ($DP = 4.85$) e para o terceiro é de $M = 8.30$ anos ($DP = 5.36$).

Inventário de Práticas Educativas

O Inventário de Práticas Educativas (IPE) (ACHADO et al., 2008) permite que se identifique as práticas educativas utilizadas pelos pais e/ou cuidadores das crianças. Este inventário contém 29 itens agrupados em cinco dimensões: práticas educativas adequadas (itens 1, 7, 11, 17, 29); práticas inadequadas embora não abusivas (itens 2, 22, 24, 26); punição física (itens 3, 5, 10, 14, 15); maus tratos emocionais (itens 8, 9, 21, 23, 25); e maus tratos físicos (itens 6, 13, 18, 19, 20, 27, 28). Porém, foi criada outra dimensão designada por “comportamentos potencialmente maltratantes” (itens 4, 12, 16), devido ao fato de os peritos em psicologia clínica e forense não chegarem a um consenso quanto a inserir os três comportamentos identificados nestes itens em maus tratos físicos ou em punição física.

No que diz respeito aos 29 comportamentos referidos, solicita-se que os pais e/ou cuidadores, na parte A do inventário, refiram se utilizaram esses comportamentos na educação dos seus filhos, sendo-lhes dadas quatro opções: “nunca usei”, “usei uma única vez”, “usei menos do que uma vez por mês” e “usei mais do que uma

vez por mês”. Na parte B do inventário pede-se aos indivíduos que classifiquem os mesmos comportamentos como práticas educativas “adequadas” ou “inadequadas”.

Análise descritiva e da fiabilidade do IPE

O IPE carece de análise da consistência interna, a fim de se assegurar a fiabilidade do instrumento de medida. Procedemos ao cálculo do coeficiente de consistência interna para as duas secções do referido inventário: a frequência de utilização das práticas educativas (IPEa) e a percepção do grau de adequabilidade das referidas práticas (IPEb). Na tabela 1 expõem-se as correlações de cada item do IPEa com a totalidade dos demais itens desta subescala, bem como o valor do coeficiente de consistência interna de cada secção excluindo cada um dos itens. Conforme pode verificar-se, a consistência interna é elevada (superior a .80) e nenhum dos itens baixa consideravelmente o valor da consistência interna do todo, pelo que concluímos estar perante uma medida com uma boa consistência interna. As médias indicam-nos as práticas mais utilizadas pelos pais (Elogiar a criança quando se porta bem, Dar conselhos e Explicar à criança o que fez mal).

Na Tabela 1 apresentamos também as correlações dos itens constituintes da subescala IPEb (grau de adequabilidade das práticas educativas) com o conjunto de itens avaliadores desta subescala, bem como o valor do coeficiente de consistência interna sem o item para cada elemento e a percentagem de respostas afirmativas. Como a escala de medida das variáveis é dicotômica (1 = adequado; 0 = inadequado), procedemos ao cálculo do coeficiente de consistência interna KR-20 (Kuder-Richardson) para os 29 itens constituintes da subescala. O valor encontrado, de .521, ilustra uma consistência interna abaixo do valor desejável. Porém, quando analisamos os coeficientes KR-20 total sem cada item, constatamos que a eliminação dos que baixam mais a consistência do todo não conduz a um aumento significativo do coeficiente KR-20, pelo que decidimos manter os 29 itens da subescala IPEb.

TABELA 1 - Correlações item-total, coeficientes de consistência interna sem os respectivos itens, médias (M), desvios-padrão (DP) e % de respostas afirmativas do Inventário de Práticas Educativas

| | <i>IPEa - utilização</i> | | | | <i>IPEb - adequação</i> | | |
|---|--------------------------|---------------------|----------|-----------|-------------------------|----------------------|--------------------------------|
| | <i>r item-total</i> | <i>α sem o item</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>KR-r i-tem-total</i> | <i>20 sem o item</i> | <i>% respostas afirmativas</i> |
| 1. Dar conselhos. | ,124 | .000 | 3.77 | .67 | .00 0 | .521 | 100.0 |
| 2. A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater (ou vice-versa). | ,404 | .046 | 1.87 | .93 | .04 6 | .526 | 10.6 |
| 3. Bater no rabo com a mão. | ,612 | .276 | 2.75 | .86 | .27 6 | .482 | 73.3 |
| 4. Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas. | ,778 | .110 | 1.44 | .81 | .11 0 | .517 | 1.0 |
| 5. Puxar as orelhas. | ,582 | .063 | 1.20 | .59 | .06 | .522 | 6.7 |

| | <i>IPEa - utilização</i> | | | | <i>IPEb - adequação</i> | | |
|---|--------------------------|---------------------|----------|-----------|-------------------------|--|------|
| | <i>r item-total</i> | <i>α sem o item</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>r i-tem-total</i> | <i>KR-20 % respos-tas afir-mativas</i> | |
| | | | | | | | 3 |
| 6. Dar um murro ou pontapé. | ,000 | .004 | 1.01 | .10 | .004 | .522 | 1.9 |
| 7. Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta. | ,475 | .266 | 2.08 | 1.12 | .266 | .485 | 72.4 |
| 8. Fechar num quarto à chave. | ,000 | .057 | 1.07 | .32 | .057 | .520 | 1.0 |
| 9. Fechar num quarto escuro. | ,000 | .103 | 1.05 | .25 | .103 | .516 | 2.9 |
| 10. Dar palmadas na mão, braço ou perna. | ,791 | .171 | 1.80 | 1.00 | .171 | .509 | 24.8 |
| 11. Elogiar a criança quando se porta bem. | ,000 | .024 | 3.83 | .56 | .024 | .524 | 96.2 |
| 12. Dar várias bofetadas. | ,506 | .164 | 1.19 | .50 | .164 | .514 | 1.0 |
| 13. Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos). | ,000 | -.015 | 1.03 | .22 | -.015 | .528 | 3.8 |
| 14. Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos). | ,555 | .000 | 1.06 | .30 | .000 | .521 | 0.9 |
| 15. Bater no rabo com um objecto duro (p.ex., colher de pau, escova do cabelo). | ,000 | .177 | 1.06 | .23 | .177 | .508 | 3.8 |
| 16. Dar uma sova com a mão. | ,555 | .161 | 1.19 | .55 | .161 | .508 | 8.6 |
| 17. Explicar à criança o que fez mal. | ,589 | .221 | 3.76 | .64 | .221 | .502 | 95.2 |
| 18. Bater com cinto. | ,000 | -.215 | 1.03 | .29 | -.215 | .540 | 1.9 |
| 19. Bater com outros objectos (não mencionados atrás). | ,886 | .000 | 1.04 | .28 | .000 | .521 | 0.0 |
| 20. Atirar objectos. | ,000 | .040 | 1.02 | .14 | .040 | .522 | 2.9 |
| 21. Insultar. | ,526 | -.153 | 1.11 | .44 | -.153 | .531 | 1.0 |
| 22. Ameaçar a criança de que se lhe vai bater. | ,658 | .498 | 2.58 | 1.14 | .498 | .416 | 35.6 |

| | <i>IPEa - utilização</i> | | | | <i>IPEb - adequação</i> | | |
|---|--------------------------|---------------------|----------|-----------|-------------------------|--------------------------------------|------|
| | <i>r ítem-total</i> | <i>α sem o ítem</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>r ítem-total</i> | <i>KR-20 % respostas afirmativas</i> | |
| 23. Dizer à criança que nunca deveria ter nascido. | ,535 | .110 | 1.01 | .10 | .110 | .517 | 2.9 |
| 24. Dizer "se te portares mal não gosto de ti". | ,148 | .163 | 1.58 | .85 | .163 | .509 | 5.7 |
| 25. Dizer que não se gosta da criança. | ,000 | .159 | 1.12 | .47 | .159 | .512 | 3.8 |
| 26. Dar "sermões". | ,616 | .278 | 2.54 | 1.15 | .278 | .482 | 59.8 |
| 27. Bater na criança deixando marcas. | ,582 | .000 | 1.03 | .17 | .000 | .521 | 0.0 |
| 28. Bater na criança deixando ferimentos. | ,000 | .082 | 1.00 | .00 | .082 | .518 | 0.0 |
| 29. Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta (p.ex., não a deixar ver televisão). | ,506 | .282 | 2.69 | 1.18 | .282 | .482 | 77.9 |
| | α global = .892 | | | | KR-20 global = ,521 | | |

Procedimentos e análise dos dados

Os dados foram recolhidos após o consentimento informado da Diretora de um Agrupamento de Escolas da região centro de Portugal, tendo sido entregues aos pais de crianças que frequentavam os Jardins de Infância deste Agrupamento. Foi pedida a colaboração voluntária dos pais, informando-os sobre os objetivos do estudo, o anonimato e a confidencialidade dos dados. Explicou-se que o questionário poderia ser preenchido pela mãe, pelo pai ou por ambos em simultâneo. Todos os pressupostos éticos de uma investigação foram assegurados. O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 22.0.

RESULTADOS

Indicam-se na tabela valores mínimo e máximo, as pontuações médias e os desvios-padrão do Inventário de Práticas Educativas Parentais (escala global) e das seis subescalas do IPE segundo o preenchimento pela mãe, pai ou ambos os progenitores. Na Figura 1 representam-se graficamente as pontuações médias. Verificamos uma pontuação média superior para as práticas educativas adequadas, seguindo-se as práticas inadequadas e a punição física. Os maus tratos emocionais, os comportamentos potencialmente maltratantes e, sobretudo, os maus tratos físicos, acolheram pontuações médias mais baixas.

TABELA 2 - Utilização das Práticas Educativas Parentais: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do inventário pela mãe, pai ou ambos

| Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) | Preenchimento do inventário por | | | | | | | | | | | |
|---|---------------------------------|-----|------|------|-----|-----|------|------|---------------|-----|------|------|
| | Mãe | | | | Pai | | | | Ambos os pais | | | |
| | Mín | Máx | M | DP | Mín | Máx | M | DP | Mín | Máx | M | DP |
| Escala global | 1 | 2 | 1,63 | 0,24 | 1 | 2 | 1,54 | 0,14 | 1 | 2 | 1,62 | 0,23 |
| <i>Subescalas :</i> | | | | | | | | | | | | |
| Práticas educativas adequadas | 2 | 4 | 3,21 | 0,53 | 2 | 4 | 3,05 | 0,60 | 2 | 4 | 3,20 | 0,43 |
| Práticas inadequadas | 1 | 4 | 2,13 | 0,70 | 1 | 3 | 1,94 | 0,57 | 1 | 3 | 2,07 | 0,61 |
| Punição física | 1 | 3 | 1,96 | 0,47 | 1 | 3 | 1,87 | 0,54 | 1 | 3 | 1,96 | 0,48 |
| Maus tratos emocionais | 1 | 2 | 1,06 | 0,13 | 1 | 2 | 1,05 | 0,17 | 1 | 2 | 1,11 | 0,22 |
| Maus tratos físicos | 1 | 1 | 1,01 | 0,11 | 1 | 1 | 1,00 | 0,10 | 1 | 1 | 1,00 | 0,07 |
| Comportamentos potencialmente maltratantes | 1 | 3 | 1,32 | 0,52 | 1 | 2 | 1,23 | 0,39 | 1 | 3 | 1,25 | 0,60 |

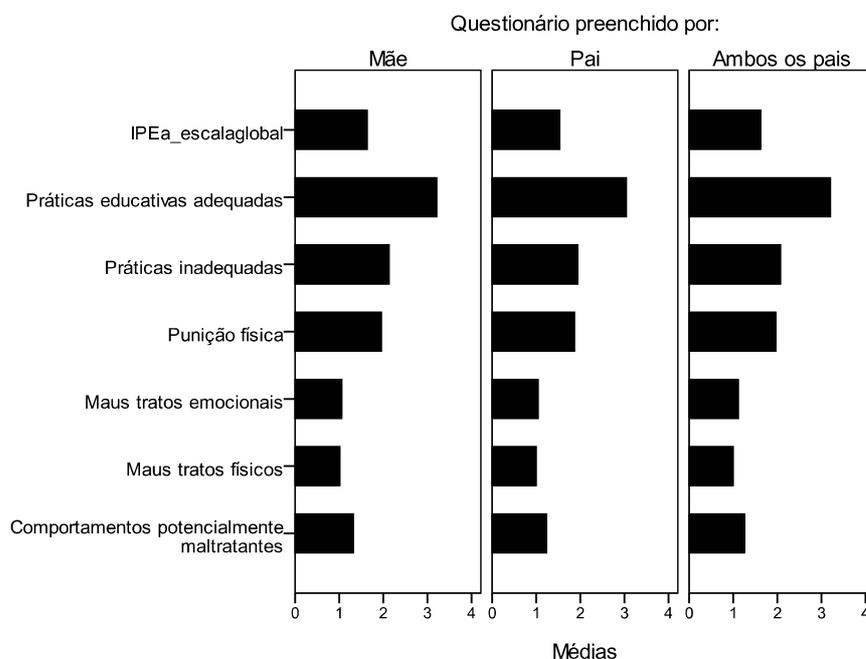


FIGURA 1 - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos: pontuações médias

A segunda parte do inventário avaliava o grau de adequação das referidas práticas (IPEb) que pode ser respondido com as opções 1 = Adequado e 0 = Inadequado. Voltamos a calcular as pontuações médias para a escala global e subescalas constituintes, indicadas na tabela 3 (cf. representação na Figura 2).

TABELA 3 - Adequação das Práticas Educativas Parentais: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do inventário pela mãe, pai ou ambos

| Adequação das Práticas Educativas Parentais | Preenchimento do inventário por | | | | | | | | | | | |
|---|---------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|---------------|------|------|------|
| | Mãe | | | | Pai | | | | Ambos os pais | | | |
| | Mín | Máx | M | DP | Mín | Máx | M | DP | Mín | Máx | M | DP |
| Escala global | 0,10 | 0,38 | 0,24 | 0,07 | ,14 | ,34 | 0,24 | 0,06 | ,14 | ,31 | 0,24 | 0,05 |
| <i>Subescalas :</i> | | | | | | | | | | | | |
| Práticas educativas adequadas | 0,00 | 1,00 | 0,88 | 0,18 | 0,2 | 1,00 | 0,85 | 0,25 | 0,6 | 1,00 | 0,89 | 0,13 |
| Práticas inadequadas | 0,00 | 1,00 | 0,26 | 0,24 | 0,00 | 1,00 | 0,35 | 0,28 | 0,00 | 0,75 | 0,27 | 0,22 |
| Punição física | 0,00 | 1,00 | 0,23 | 0,15 | 0,00 | 0,6 | 0,22 | 0,17 | 0,00 | 0,4 | 0,18 | 0,13 |
| Maus tratos emocionais | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,07 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,4 | 0,05 | 0,12 |
| Maus tratos físicos | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,05 | 0,00 | 0,14 | 0,02 | 0,05 | 0,00 | 0,14 | 0,03 | 0,06 |
| Comportamentos potencialmente maltratantes | 0,00 | 0,00 | 0,04 | 0,11 | 0,00 | 0,67 | 0,05 | 0,18 | 0,00 | 0,33 | 0,01 | 0,07 |

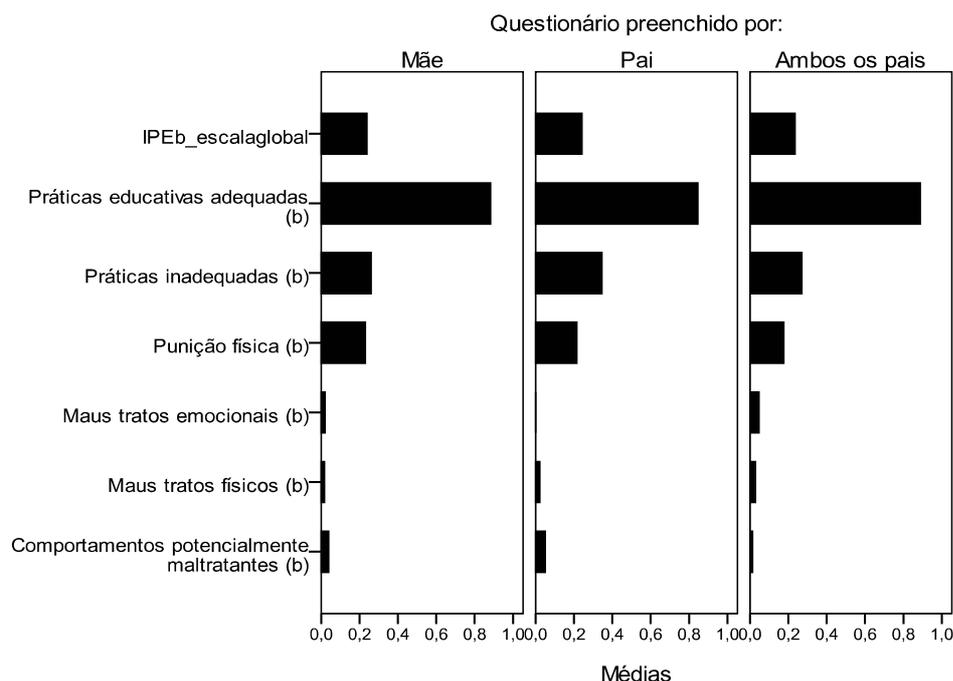


FIGURA 2 - Médias do Inventário de Práticas Educativas - Adequação das Práticas Educativas Parentais (IPEb) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

A análise do efeito do gênero dos pais no tipo de práticas educativas parentais utilizadas realizou-se mediante uma análise multivariada da variância (MANOVA, *procedimento General Linear Model*), tomando como VI o gênero (1 = masculino; 2 = feminino) e como VDs as pontuações médias obtidas nas seis subescalas do Inventário de Práticas Educativas no referente à Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa). O resultado da MANOVA indica-nos que tanto o teste multivariado [Λ de Wilks = 0.980, $F(6, 74) = 0,245$, $p = .960$] como os testes univariados subsequentes não se mostram estatisticamente significativos. Concluimos que o gênero dos pais não influencia a utilização das práticas educativas parentais.

Considerando a influência do estado civil nas práticas educativas utilizadas pelos pais, repetimos o procedimento da MANOVA, tomando agora como VI esta nova variável (1 = solteiros; 2 = casados/união de facto; 3 = separados/divorciados). O resultado do teste multivariado não se mostrou estatisticamente significativo [Λ de Wilks = 0.930, $F(12, 196) = 0,599$, $p = .841$], bem como qualquer um dos testes univariados subsequentes. Concluimos que, à semelhança do gênero, o estado civil dos pais não influencia as práticas educativas que utilizam com os filhos.

Na análise das repercussões das habilitações literárias dos pais nas práticas educativas consideramos 4 níveis desta VI (1 = 1º e 2º ciclo, 2 = 3º ciclo, 3 = Ensino Secundário e 4 = Bacharelato/Licenciatura) e repetimos a MANOVA quer para as habilitações da mãe, quer para as do pai. Considerando as habilitações literárias da mãe, o resultado do teste multivariado voltou a não se mostrar estatisticamente significativo, embora se aproxime do limiar $p = .05$ [Λ de Wilks = 0.758, $F(18, 272) = 1,56$, $p = .07$]. Quando analisamos os resultados dos testes univariados, constatamos pela existência de um efeito significativo ao nível da subescala Maus tratos emocionais (c.f. tabela 4). A realização dos testes de comparação múltipla de Tukey HSD mostra-nos que as diferenças situam-se entre as mães que possuem menos

habilitações literárias (1º, 2º e 3º ciclos) e aquelas que possuem mais habilitações (bacharelato/licenciatura). Assim, estas últimas mostram uma maior frequência de utilização de Maus tratos emocionais comparativamente às primeiras: diferenças absolutas entre as médias de 0.12, $p = .04$, para a comparação entre mães que possuem bacharelato/licenciatura e as que possuem o 1º ou 2º ciclo do Ensino Básico e diferenças absolutas entre as médias de 0.14, $p = .04$, para a comparação entre mães que possuem bacharelato/licenciatura e as que possuem o 3º ciclo do Ensino Básico. Concluimos que as habilitações literárias da mãe apresentam influência nas práticas educativas com os filhos ao nível dos Maus tratos emocionais, mais utilizados por mães com maior escolaridade. Quando repetimos a análise para as habilitações literárias do pai, o teste multivariado já se apresenta estatisticamente significativo [Λ de Wilks = 0.7335, $F(18, 263) = 1,70$, $p = .04$], embora devido ao efeito significativo de uma subescala diferente, as Práticas educativas adequadas, conforme se pode verificar na tabela 4. O seguimento da análise com os testes de comparação múltipla de Tukey HSD mostra-nos que as diferenças se situam entre os pais que possuem menos habilitações literárias (1º e 2º ciclos) e aqueles que possuem mais habilitações (bacharelato/licenciatura), mostrando estes últimos uma superioridade ao nível das Práticas educativas adequadas: diferenças absolutas entre as médias de 0.39, $p = .05$.

TABELA 4 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias da mãe e do pai: Testes univariados

| Subescalas significativas: | 1º e 2º ciclo (n = 29) | | 3º ciclo (n = 27) | | Ensino Secundário (n = 27) | | Bacharelato/Licenciatura (n = 25) | | Total (N = 105) | | F (1,104) |
|---------------------------------------|------------------------|------|-------------------|------|----------------------------|------|-----------------------------------|------|-----------------|------|-----------|
| | M | DP | M | DP | M | DP | M | DP | M | DP | |
| <i>Habilitações literárias da mãe</i> | | | | | | | | | | | |
| Maus tratos emocionais | 1,05 | 0,14 | 1,04 | 0,10 | 1,03 | 0,07 | 1,17 | 0,24 | 1,07 | 0,15 | 5,01* |
| <i>Habilitações literárias do pai</i> | | | | | | | | | | | |
| Práticas educativas adequadas | 3,08 | 0,55 | 3,15 | 0,49 | 3,39 | 0,39 | 3,54 | 0,41 | 3,20 | 0,51 | 3,27* |

* $p < .05$

Por último, analisamos se a idade dos filhos se relaciona com as práticas educativas utilizadas pelos pais. A inspeção dos coeficientes de correlação de Pearson (cf. tabela 5) para a idade do 1º filho mostra-nos que quanto mais idade tem esse filho menos os pais recorrem à punição física. Este resultado mantém-se, igualmente, para o 2º e para o 3º filho do casal. Porém, para o 2º filho, quanto maior for a idade menos são as Práticas educativas adequadas, ocorrendo um resultado inverso para o 3º filho, embora o coeficiente de correlação não seja significativo devido ao reduzido número de 3º filhos ($m = 10$). Para o 2º e 3º filhos constatamos, ainda, que quanto mais velhos são, menos os pais tendem a utilizar as Práticas inadequadas, a Punição física, os Maus tratos emocionais, os Maus tratos físicos e os Comportamentos potencialmente maltratantes. Concluimos, assim, que a idade dos filhos se relaciona com as práticas educativas utilizadas pelos pais.

TABELA 5 - Coeficientes de correlação de Pearson (r) entre as práticas educativas parentais e a idade dos filhos

| Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) | r idade do 1º filho (n = 106) | r idade do 2º filho (n = 60) | r idade do 3º filho (n = 10) |
|--|---|--|--|
| <i>Subescalas constituintes:</i> | | | |
| Práticas educativas adequadas | -.05, <i>ns</i> | -.38** | .53, <i>ns</i> |
| Práticas inadequadas | -.02, <i>ns</i> | -.41*** | -.11, <i>ns</i> |
| Punição física | -.27** | -.25* | -.23, <i>ns</i> |
| Maus tratos emocionais | -.02, <i>ns</i> | -.03, <i>ns</i> | -.46, <i>ns</i> |
| Maus tratos físicos | .01, <i>ns</i> | -.26* | -.40, <i>ns</i> |
| Comportamentos potencialmente maltrantes | -.08, <i>ns</i> | -.21, <i>ns</i> | -.41, <i>ns</i> |

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$ *ns*: As diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencional $p \leq .05$

DISCUSSÃO

Os pais têm uma enorme influência em todo o desenvolvimento da criança, sendo os “responsáveis em transmitir as primeiras informações e interpretações sobre o mundo” (SALVADOR & WEBER, 2005, p. 342). Considerando que as práticas educativas são um dos aspectos importantes para moldar os comportamentos das crianças, no presente estudo questionamos os pais de crianças em idade pré-escolar acerca das práticas educativas que costumam utilizar com os seus filhos.

Verificamos que as práticas educativas mais utilizadas são semelhantes entre ambos os progenitores. Assim, independentemente de ser a mãe, o pai ou ambos a responderem, as práticas mais utilizadas são as práticas educativas adequadas, seguidas das práticas inadequadas e da punição física. Sendo assim, é de notar que as pontuações sejam altas na subescala Práticas educativas adequadas relativamente à percepção da adequação das práticas educativas. As práticas adequadas estão relacionadas com uma alta autoestima, auto-eficácia, uma boa estratégia de resolução de problemas (COLN et al., 2013) e com a competência social (ALVARENGA & PICCININI, 2009). Por sua vez, práticas inadequadas estão correlacionadas com problemas de comportamento (ALVARENGA & PICCININI, 2009) e desregulação emocional (DUNCOMBE et al., 2012), tendo, também, uma influência negativa na saúde mental e no bem-estar das crianças (BRELAND-NOBLE, 2014; JUANG et al., 2013; KIM et al., 2013). Em famílias monoparentais, a utilização de determinadas práticas educativas depende da sobrecarga dos pais (JAEGER & STREY, 2011), pois também têm uma maior dificuldade em impôr regras e limites (DILEO, 2011).

Ao longo dos tempos as crenças, os valores e as noções do que é ser um bom pai e um bom filho modificaram o relacionamento entre pais e filhos. Se antigamente os pais aplicavam regras rígidas e tradições indiscutíveis, atualmente evidencia-se uma excessiva permissividade e a não existência de limites. As alterações da vida em sociedade também contribuíram para as dificuldades educacionais dos pais, pois estes passam menos tempo com os filhos. Fatores como a personalidade da criança e as crenças dos pais acerca da disciplina afetam a forma como os pais educam os filhos (RAMALHO, 2002). Como refere TIBA (1996), antigamente, os pais utilizavam a punição física e a relação entre pais e filhos era distante; assim, de for-

ma a não serem como os seus pais, estes filhos, transmitem carinho, afeto e amizade. Contudo, tornaram-se pais excessivamente liberais e com dificuldade de impor regras e limites.

Em conformidade com os nossos resultados, o estudo de REGALADO et al. (2004) indicou que o método de disciplina mais utilizado é a explicação (90%), seguido do *time-out* (70%), gritar (67%), retirar um brinquedo (65%) e punição física (26%). Este mesmo estudo juntamente com o de SHEIDOW et al. (2014) verificaram que existem vários fatores que influenciam a escolha do método de disciplina por parte dos pais; por exemplo, pais com um baixo bem-estar emocional e mais deprimidos utilizam o bater e o gritar; a idade da criança também influencia, pois à medida que a idade aumenta, o bater e o gritar são mais utilizados como métodos de disciplina. Este último resultado foi contrário aos nossos e aos de MARIN et al., (2011a), que mostram associações negativas entre a idade dos filhos e a punição física. Um outro estudo realizado por MARIN et al., (2011b) também demonstrou que os pais utilizam mais práticas educativas adequadas à medida que o seu filho cresce e ganha mais responsabilidades. Além disso, a fadiga e o stresse parental também influenciam a utilização de práticas educativas inadequadas (COOKLIN et al., 2011). Um outro fator que pode influenciar a utilização de práticas educativas inadequadas é a violência doméstica como podemos verificar num estudo realizado por SANI & CUNHA (2011).

A punição é uma prática educativa coerciva. Apesar de parar uma ação, não reduz o comportamento indesejável e tem como consequências a agressividade, depressão, infelicidade e auto-destruição (SALVADOR & WEBER, 2005). PAPALIA et al., (2009) referem, ainda, que a escolha de um método de disciplina depende da personalidade dos pais e da criança e da qualidade do relacionamento dos mesmos. Por outro lado, para os métodos de disciplina serem eficazes, a criança tem de perceber e aceitar aquilo que os pais querem, necessitando, assim, que os últimos sejam contingentes e claros. Os pais devem possuir competências para desenvolver capacidades nos filhos, tais como, “dialogar, cooperar, tomar iniciativas, relacionar-se afetivamente com as outras pessoas, bem como sentimentos de bem-estar, auto-estima, auto-confiança e de responsabilidade” (ALMEIDA et al., 2006, p. 65).

No que se refere à relação entre os diferentes tipos de práticas educativas parentais e os fatores pessoais dos pais (gênero, estado civil e habilitações literárias), verifica-se que o gênero e o estado civil dos pais não influenciam as práticas educativas utilizadas nos filhos. Relativamente às habilitações literárias da mãe constatou-se que os resultados não são estatisticamente significativos. No entanto, verificou-se que as mães que possuem o Ensino Superior recorrem com maior frequência aos maus tratos emocionais. BUENO & MOURA (2009) também já tinham indicado no seu estudo que as mães com maiores habilitações literárias utilizavam três vezes mais críticas do que elogios. Outros estudos concluíram que quanto menor são as habilitações literárias da mãe (ALVARENGA et al., 2012) e menor é o nível socioeconómico da mãe (CARMO & ALVARENGA, 2012), maior o recurso à punição física, pois estas estão emocionalmente menos disponíveis para os seus filhos. Quanto ao pai, concluímos que os pais com maiores habilitações literárias utilizam mais práticas educativas adequadas.

CONCLUSÕES

Concluímos que, de um modo geral, as práticas educativas mais utilizadas pelos pais são práticas educativas adequadas. Porém, os pais recorrem à punição física e às práticas educativas inadequadas quando confrontados com as birras dos

seus filhos. Além disso, há uma maior utilização da punição física quando os filhos são mais novos.

Verificou-se, também, que o gênero e o estado civil dos pais não influenciam as práticas educativas utilizadas nos filhos. Porém, quanto maiores as habilitações literárias das mães, maior o recurso a maus tratos emocionais. Relativamente ao pai, quanto maiores as habilitações literárias, maior a utilização de práticas educativas adequadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. G. et al. A Influência das Práticas Educativas dos Pais Sobre o Comportamento dos Filhos. **Revista Terra e Cultura**, n. 43, p. 64-68, 2006.

ALVARENGA, P.; MAGALHÃES, M. O.; GOMES, Q. S. Relações entre práticas educativas maternas e problemas de externalização em pré-escolares. **Estudos de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 33-42, Jan./Mar., 2012.

_____; PICCININI, C. A. Práticas Educativas Maternas e Indicadores do Desenvolvimento Social no Terceiro Ano de Vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 191-199, 2009.

BEM, L. A.; WAGNER, A. Reflexões Sobre a Construção da Parentalidade e o Uso de Estratégias Educativas em Famílias de Baixo Nível Socioeconômico. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 63-71, Jan./Abr., 2006.

BOLSONI-SILVA, A. T.; SILVEIRA, F. F.; MARTURANO, E. M. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 10, n. 2, p. 125-142, 2008.

BRELAND-NOBLE, A. M. Parenting Across Diverse Contexts. **Journal of Child and Family Studies**, n. 23, p. 173-176, 2014.

BUDD, K. S. et al. Measuring Attitudes Toward Acceptable and Unacceptable Parenting Practices. **Journal of Child and Family Studies**, n. 21, p. 247-261, 2012.

BUENO, A. C. W.; MOURA, C. B. Comportamentos de mães em interação lúdica com seus filhos pré-escolares que apresentam comportamento opositor. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 1, p. 51-58, Jan./Jun., 2009.

CARMO, P. H. B.; ALVARENGA, P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. **Estudo de Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 191-197, Maio/Ago., 2012.

CECCONELLO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar. **Psicologia em Estudo**, n. 8, p. 45-54, 2003.

COLN, K. L.; JORDAN, S. S.; MERCER, S. H. A Unified Model Exploring Parenting Practices as Mediators of Marital Conflict and Children's Adjustment. **Child Psychiatry Human Development**, n. 44, p. 419-429, 2013.

COOKLIN, A. R.; GIALLO, R.; ROSE, N. Parental fatigue and parenting practices during early childhood: An Australian Community Survey. **Child: Care, health and development**, v. 38, n. 5, p. 654-664, 2011.

DI LEO, P. F.. Violências y climas sociales en escuelas medias: experiencias de docentes y directivos. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 3, p. 599-612, 2011.

DUNCOMBE, M. E. et al. The Contribution of Parenting Practices and Parent Emotion Factors in Children at Risk for Disruptive Behavior Disorders. **Child Psychiatry Human Development**, n. 43, p. 715-733, 2012.

HOFFMAN, M. L. Discipline internalization. **Developmental Psychology**, n. 30 , p. 26-28, 1994.

JAEGER, F. P.; STREY, M. N. Maternidade e violência em situações de opressão. In: JAEGER, F. P.; KRUEL, C. S.; SIQUEIRA, A. C. (Orgs.). **Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para a psicologia**. Santa Maria: Editora UNIFRA, p. 11-31, 2011.

JUANG, L. P.; QIN, D. B.; PARK, I. J. K. Deconstructing the myth of the “tiger mother”: An introduction to the special issue on tiger parenting, Asian-heritage families, and child/adolescent well-being. **Asian American Journal of Psychology**, v. 4, n. 1, p. 1–6, 2013.

KIM, S. Y. et al. Does “tiger parenting” exist? Parenting profiles of Chinese Americans and adolescent developmental outcomes. **Asian American Journal of Psychology**, v. 4, n.1, p. 7–18, 2013.

MACHADO, C., GONÇALVES, M. M.; MATOS, M. **Manual da Escala de Crenças sobre Punição Física (E.C.P.F) e do Inventário de Práticas Educativas Parentais (I.P.E)**. 2. ed. Braga: Psiquilíbrios Edições, 2008.

MARIN, A. H. et al. Práticas educativas parentais, problemas de comportamento e competência social de crianças em idade pré-escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 5-13, Jan./Abr., 2012.

MARIN, A. H.; PICCININI, C. A.; TUDGE, J. R. H. Práticas Educativas Maternas e Paternas aos 24 e aos 72 Meses de Vida da Criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 419-427, Out./Dez., 2011a.

_____. Estabilidade e Mudança nas Práticas Educativas Maternas e Paternas ao Longo dos Anos Pré-Escolares da Criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 1, p. 71-79, 2011b.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O Mundo da Criança: Da infância à adolescência**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PATTERSON, G. R.; DEGARMO, D. S.; KNUTSON, N. Hyperactive and antisocial behaviors: Comorbid or two points in the same process? **Development and Psychopathology**, n. 12 , p. 91-106, 2000.

PICCININI, C. A. et al. Práticas Educativas de Pais e Mães de Crianças aos 18 Meses de Idade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 4, p. 369-378, Out./Dez., 2007.

RAMALHO, V. **Lá em casa mandam eles?** Braga: Psiquilíbrios, 2002.

REGALADO, M. et al. Parents' Discipline of Young Children: Results From the National Survey of Early Childhood Health. **Pediatrics**, v. 113, n. 6, p. 1952-1958, Jun., 2004.

SALVADOR, A. P.; WEBER, L. N. Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 341-353, 2005.

SALVO, C. G.; SILVARES, E. F.; TONI, P. M. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 187-195, Abr./Jun., 2005.

SANI, A. I.; CUNHA, D. M. M. Práticas Educativas Parentais em Mulheres Vítimas e Não Vítimas de Violência Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 429-437, Out./Dez., 2011.

SAPIENZA, G.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M.. Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento acadêmico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 208-213, 2009.

SHEIDOW, A. J. et al. The Role of Stress Exposure and Family Functioning in Internalizing Outcomes of Urban Families. **Journal of Child and Family Studies**, n. 23, p. 1351-1365, 2014.

SIQUEIRA, A. C.; ALVES, C. F.; LEÃO, F. E.. Enfrentando a violência: a percepção dos profissionais da educação sobre a violação dos direitos de crianças e adolescentes. **Educação (UFSM)**, v. 37, n. 2, p. 365-380, 2012.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VILLAS-BOAS, A. C. V. B.; BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais educativas de mães separadas e sua relação com o comportamento de pré-escolares. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 301-310, Set./Dez., 2010.

WEBER, L. N. et al. Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.